

# TERAPIA DO COMPORTAMENTO PARA O HIPERATIVO

Glória das Graças Schmitel da Penha Lemos<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo abordará a terapia do comportamento como uma das estratégias de apoio para facilitar o relacionamento e o convívio com os colegas, das crianças com transtorno do déficit de atenção e hiperatividade – TDAH. Essas crianças têm uma rotina de idas e vindas à coordenação escolar devido os problemas que geram com os professores e os colegas fazendo enfrentamentos diários. Atualmente muitas alternativas estão surgindo para auxiliar no tratamento dessas crianças além do componente medicamentoso e da participação efetiva da família, que em sua maioria, tem resistência em aceitar as dificuldades apresentadas pela criança.

**Palavras-chave:** Hiperatividade. Comportamento. Estratégias.

## 1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que a criança com hiperatividade tem grandes problemas de comportamento devido à frequência da sua agitação, falta de atenção e impulsividade. Em qualquer tentativa de ajudar a reduzir ou eliminar a hiperatividade nas crianças, é essencial que os princípios de modificação de comportamentos sejam aplicados adequadamente por pais e professores.

Uma dos problemas mais comuns vividos pelo educador é o que se torna rotineiro dizer "tem que controle de disciplina". Descrevendo desta forma, dá a sensação de que há uma chave milagrosa que o educador manuseia para sustentar a disciplina. A disciplina da sala de aula está inteiramente vinculada a maneira da atuação docente, ou seja, da autoridade do educador.

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia e Artes Visuais. Pós-graduada em Alfabetização, Educação Especial, Educação de Jovens e Adultos e Mestranda em Ciências da Educação. E-mail: gloriagleemos@terra.com.br.

## 2 TERAPIA DO COMPORTAMENTO

A autoridade do professor se apresenta do domínio do conteúdo que ensina a metodologia que adota, no jeito em conviver com a sala de aula e com as especificidades individuais, na função de dominar e medir o trabalho dos alunos.

De acordo com Libâneo (2001, p. 21), “[...] a autoridade moral é o conjunto das qualidades de personalidade do professor: sua dedicação profissional, sensibilidade, senso de justiça e traços de caráter”.

Crianças demasiadamente inquietas, agitadas, com predisposição à agressividade, que chamam a atenção das pessoas pela dificuldade de compreender e obedecer às normas, às vezes, não alcançam produzir o prometido para sua idade, concebem um desafio diário para suas famílias e a escola.

Um pouco de teimosia é natural em algumas crianças e faz parte do desenvolvimento evolutivo dela. Entretanto, quando essas crianças, teimam, enfrentam, e desafiam de forma exagerada no dia a dia, seguido de ações agressivas, isso revela um distúrbio, sinal de que algo não está indo bem no seu relacionamento com os pais, com ela própria e com o mundo que a cerca, e esses motivos são fatores para serem investigados.

A primeira providência da família ou do professor seria observar se essas atitudes, comportamento agressivo ou hiperatividade se estabelece de forma constante ou se apresenta de forma temporária (circunstancial) e se a criança mostra, em casa, problemas na convivência, falar, demonstrar emoções, entre outras. Deve-se analisar como ela brinca, se insiste nas brincadeiras, se fica mais tempo sozinha ou acompanhada por outras crianças. É necessário analisar também, sobre o clima familiar, observando o que e como está sendo cobrado da criança e a respeito da habilidade dos adultos em aceitar as atitudes dela.

Em muitos momentos, a criança apresenta um comportamento mal interpretado ou mal entendido, por adultos que desconhecem o TDAH acreditando que é uma atitude

de teimosia. Entretanto, essa é a maneira dela demonstrar sua curiosidade, sua ansiedade para sentir emoções e viverem novas experiências, não conseguindo segurar sua curiosidade. Vale lembrar que cada criança tem suas características de personalidade e tem reações diferentes.

Simone Cardoso (1998, p. 45) mostra que é importante observar se a criança está apresentando uma conduta permanente e frequente, buscando uma compreensão maior desse comportamento e também ouvir um especialista para investigar se essa “[...] conduta possui uma causa orgânica, de fundo físico, o que sugere um tratamento neurológico e ou/ psicológico, ou se é uma influência do meio em que a criança vive”. A criança teimosa e a ausência de limites podem mascarar um descontentamento da criança com o meio em que está inserida e um desejo de alterá-lo; pode ser uma reação em protesto contra os pais ou contra as relações de conflito entre ele e os outros, e assim, ocultar uma carência afetiva.

Em vários momentos, o professor acaba sofrendo, por ver a criança descontrolada e sozinha, e porque muitos pais se negam a aceitar que há algo a ser investigado, algum motivo está interferindo na aprendizagem da criança, que não é apenas uma displicência ou preguiça.

Ainda na colocação de Cardoso (1998, p. 46), nunca é exagero mostrar que não há resposta exata, uma receita mágica que se amolde as crianças, devido a ausência de limites, que é apenas um dos muitos sintomas que esconde a hiperatividade.

É imprescindível conhecer a realidade da criança e seu contexto familiar, bem como sua realidade social, percebendo-a e ouvindo-a (linguagem verbal e não verbal) com um olhar e escuta de paciência e com afetividade.

É respeitável que o adulto institua limites na hora certa e conforme a compreensão da criança, pois atitudes de extremo exagero e negativas são danosas à formação e ao desenvolvimento da criança, porque poderá impedir seu crescimento motor, sua habilidade criativa e o exercício de seu modo pessoal de suportar e enfrentar o mundo.

A criança necessita conhecer os limites da sua independência e saber o sentimento de segurança, e que os adultos (pais e professores) estarão sempre prontos para auxiliá-la a enfrentar situações, podendo ajudar com modelos. É de grande importância esclarecer que todas as pessoas em torno dessa criança, se tornam pessoas com as quais ela segue de modelo para sua convivência diária com o outro.

Nota-se, que vários educadores não podem ser exemplo de identificação para seus alunos: ou porque pensam que não estão preparados para educar, por não possuírem conhecimentos e habilidades suficientes, e dessa forma, não apresentam firmeza em seus propósitos, ou por terem medo de utilizar sua autoridade, ou porque não, adquirem novos conhecimentos e experiências à respeito da faixa etária da criança, revelando assim, que não têm compreensão sobre o desenvolvimento infantil, e exigem das crianças, alegando que não estão preparadas para aceitar os comandos.

Para Cardoso (1998, p. 46),

[...] deve-se pensar que o conceito de autoridade é diferente do conceito de autoritarismo. Enquanto a autoridade é indispensável para que a criança perceba seus pais e professores como figuras fortes de apoio e identificação, internalizando-os de forma positiva, como adultos capazes de auxiliá-la a controlar seus impulsos destrutivos sem se sentir humilhada e com baixa autoestima, o autoritarismo usa de promessas e ameaças para impor, à força, um tipo de comportamento à criança.

O bom seria o adulto inventar as regras junto com a criança e as punições a não obediência destas regras. Mostrando que é responsável pelo não cumprimento das suas ações que caso não as obedeça, será punido. Desta forma, o adulto a está ajudando a se conscientizar dos danos de suas atitudes. Não se trata apenas de ameaças ao não cumprimento, mas uma forma de fazer valer as normas impostas e de mostrar que será melhor para sua convivência em grupo.

O que se deseja é revelar para a criança que há limites para demonstrar seu afeto pelo outro, sem que receba apelidos dos colegas. Os adultos devem ficar atentos para não utilizarem da intimidação emocional com a criança.

## 2.1 TERAPIA NO ÂMBITO FAMILIAR

É frequente a queixa de que os pais não aceitam que o filho é hiperativo. O comportamento hiperativo pode desestruturar a vida conjugal, e o casal deve saber conciliar, em conjunto, as anormalidades do comportamento reveladas pela criança, pois as desarmonias do casal têm efeito negativo importante sobre o comportamento emocional da criança, o que aumenta a hiperatividade. A vida doméstica fica mais tumultuada, os encontros não deixam de ser prazerosos, mas justamente o contrário, ou seja, o desprazer. A vida do casal se transforma, danificando também a sua relação afetiva e sexual, em especial.

Os horários das refeições tornam-se desgastantes, quando, na realidade deveriam ter clima tranqüilo, com momentos de descontração e prazer para integrar a família. Acontece exatamente o contrário, pois nestas horas é que os ânimos ficam acirrados, tornando mais evidentes as cobranças e discussões (TOPAZEWSKI, 1999, p. 49).

Insiste-se no treino dos pais, para que o comportamento hiperativo. Insiste-se no treinamento preparatório dos pais, para que o comportamento hiperativo possa ser tratado temas:

- ⇒ A disciplina deve ser um ato condutual utilizando técnicas tais como o time-out, o preço da resposta, a sobrecorreção;
- ⇒ É indispensável uma certa rotina a fim de existir uma consistência congruente tanto para as atitudes como em normas familiares;
- ⇒ Evitar oferecer como punição castigos físicos, gritos, e ameaças.

É de extrema importância seja criada uma rotina estável em casa. Para reduzir a confusão e a quantia de incentivos diários, deve-se determinar horários específicos para comer e dormir:

- ⇒ Fale um pouco mais alto e dê ênfase às palavras mais importantes, que designem tempo, espaço e modo, como por exemplo: "A lição é para amanhã";
- ⇒ Seja breve e evite dar várias ordens ao mesmo tempo;
- ⇒ Não mande a criança fazer algo gritando de outro cômodo da casa. Ela não vai atender você;
- ⇒ Prepare um local de estudos adequado, com horários estabelecidos para fazer as tarefas escolares (TOPAZEWSKI, 1999, p. 50).

Hallowell e Ratey (apud ROHDE; MATTOS, 2006, p. 215) oferecem uma lista de

sugestões de conduta para o interior da família.

- ⇒ O ideal é que toda a família aprenda sobre o que é o TDAH. Muitos problemas são solucionados quando a família compreende do que se trata.
- ⇒ Independente dos problemas a criança com o transtorno também tem características positivas apesar de ser “rotulada”. A família, mais do que ninguém, pode contribuir para desenvolver seus aspectos ocultos e resgatar o potencial positivo da criança: bom humor, criatividade, energia e paciência ajudam muito;
- ⇒ Os pais devem apresentar-se em comum acordo com a conduta a ser adotada com o hiperativo. A estabilidade e a confiança no amor dos pais são fundamentais. O filho com TDAH os desafia constantemente, mas o amor não pode flutuar em relação a isso, se ele é amado quando se porta bem e é odiado quando se porta mal, o sistema familiar torna-se turbulento e imprevisível.
- ⇒ Não manter a criança afastada da família ampliada. Esta também pode ajudar no tratamento. Muitas vezes, por temor que a criança “não se porte bem”, ela é privada de participar de atividade e rituais familiares, que têm grande significado para seu desenvolvimento emocional;
- ⇒ A criança hiperativa pode desgastar uma família, colocando uns contra os outros.

Os tratamentos não são eficazes de imediato e o fundamental costuma ser justamente a persistência no esforço e na manutenção de um certo “senso de humor”. É de se esperar que passem às vezes períodos mais ou menos longos em que não se percebem mudanças, mas nem assim se deve abandonar o esforço.

⇒ A relação familiar deve ser estimulante, tranquila e acolhedora, concentrando-se nos aspectos positivos da relação do que nos conflitantes. Da mesma maneira, concentrar-se nos pontos fortes que a criança possa ter, de modo a assegurar-lhe uma imagem pessoal e autoestima positivas. Motivá-las para conseguir o desenvolvimento máximo de suas capacidades. Transmitir-lhe confiança em si. Isso não implica em negar a dificuldade da tarefa, mas transmitir-lhe um sentimento de confiança.

Aconselhasse distribuir uma atividade pequena e de fácil execução e persistir de forma delicada para que seja finalizada, não esquecendo de parabenizar e elogiar. Mostrar para a criança a importância de compartilhar projetos de seu interesse colaborando para sua atenção. Aprender a ter atenção, modificará sua resposta ao mundo, gradualmente, pois além de ter um desequilíbrio do sistema nervoso que se modifica o tempo inteiro, o simples ato de se manter sentado, leva a criança hiperativa que é inteligente, a ficar entediada facilmente.

## CONCLUSÃO

A família pode contribuir satisfatoriamente quando detecta que a criança é hiperativa, observando o comportamento dessa criança e auxiliando-a no que for necessário, e ainda adaptar o cotidiano familiar de acordo com a realidade do hiperativo. Esse cuidado deve estender-se na escola, tendo em vista que essa criança requer uma atenção maior, sob pena de ficar a margem do processo de aprendizagem.

É possível identificar as características hiperativas, mas não se pode, contudo, generalizar e diagnosticar toda inquietação como hiperatividade, pois conforme esse estudo demonstrou há alternativas para auxiliar na melhoria da conduta dessas crianças, entretanto apenas uma equipe multidisciplinar poderá aferir se a criança necessita de um tratamento mais intenso.

Espera-se que essa abordagem possa contribuir com docentes e/ou outros interessados na compreensão dos supostos problemas que impedem que a criança se desenvolva satisfatoriamente, ou demonstre um comportamento esperado.

## REFERÊNCIAS

CARDOSO, Simone Muller. **Estabelecendo Limites – Professor**. Porto Alegre: Academia Passo-Fundense de Letras, 1998.

LIBÂNEO, J. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. Goiânia: Alternativa, 2001.

ROHDE, Luis Augusto. MATTOS, Paulo (cols.) **Princípios e práticas em TDAH**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

TOPAZEWSKI, Abram. **Hiperatividade**: como lidar? São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.